



CIEA7 #26:
MODERNIDADES Y MEDIA.

Ricardo M. Falcão^o

ricfal@gmail.com

O papel das TIC no Desenvolvimento: Migrações e Globalização senegalesas

Alguns estudos têm enfatizado as potencialidades das novas Tecnologias de Informação e Comunicação e o papel das migrações no desenvolvimento em África. A veia pragmática desses estudos tem deixado de fora as dimensões subjectivas da «apropriação» das TIC, olhadas instrumentalmente como chave para a participação num «mundo globalizado», onde o modelo neo-liberal parece não deixar alternativa. Esta comunicação pretende apresentar de forma crítica outras possibilidades de análise dos sistemas sociais, em África, com o exemplo das apropriações efectivas das TIC no Senegal. Pretende-se através do questionamento dos imaginários globalizados, olhar para o papel dos migrantes «transnacionais» enquanto detentores de um novo poder social, que por um lado contribui para a generalização da tecnologia e, por outro, se assume como modelo de sucesso social e económico, contribuindo para a «mediatização da sociedade», alimentando aspirações colectivas e o «desejo de partida».

Migrações, Tecnologia, Transnacionalismo, Sociabilidades.

^o Doutorando, 3^o DEA ISCTE, CEA-IUL.

KEUR NDAGA

São quatro da tarde em Keur Ndjaga¹, uma aldeia a dois ou três quilómetros da aldeia sede de Arrondissement, e estamos na zona do Lac de Guiers, a mais importante fonte de água doce para a cidade de Dakar. Keur Ndjaga existe ali há cerca de 50 anos, segundo o que o professor local pôde apurar, fundada pela família do actual chefe desta aldeia Hal-pulaar.

As mulheres, infatigáveis desde o raiar do dia, sentam-se finalmente para um descanso breve. Não tardarão a partir novamente em busca de água para as pessoas e para os animais. Ali perto, o ponto de água potável público mais próximo, na sede do arrondissement, abastece as suas necessidades diárias. Apesar do acesso à água potável relativamente perto, ainda partem até às margens do lago, onde não têm de pagar para dar de beber aos seus animais que não se deslocaram ainda, no auge da estação seca. Seja ao lago, ou ao ponto de água potável, ir buscar água demora no mínimo umas horas.

Por esta hora as crianças já saíram da pequena escola, ali finalmente construída com paredes de tijolos em 2007. Dos 50 ou mais alunos em 2005, quando a sala de aula era ainda uma “palhota” improvisada, restam hoje cerca de metade. Mesmo os mais pequenos têm animais para tratar; ou lenha para apanhar; comida para cozinhar. Ir à escola, apesar do genuíno envolvimento do professor vindo de Ndár, não é um hábito. Nem todos os pais sentem a necessidade de aí manter as crianças. Os que resistiram já falam francês, wolof e pulaar. Costumam ouvir falar de coisas que nunca viram.

Do aglomerado onde reside o chefe de aldeia podem avistar-se outros aglomerados, todos parte de Keur Ndjaga, uma típica aldeia Peul. No centro de um pequeno terreno, delimitado por cercas feitas de ramos, as mulheres estendem as esteiras debaixo da única árvore com razoável sombra. A temperatura ronda os 40º, nada muito estranho em terras sahelianas.

Aminata ordena a Mariama, sua filha, que vá buscar ao suudu² os instrumentos para que seja feito o chá, enquanto se passa algum tempo em

¹Trata-se de um nome fictício de uma aldeia não referenciada na carta do *arrondissement*. Este texto inicial está na linha entre a ficção e a realidade, uma vez que tem elementos concretos de coisas que se passaram ao longo das diversas visitas que realizei à aldeia, a propósito da rodagem do filme *Walo Walo*, e também elementos ficcionais que acrescento por conveniência discursiva. Os nomes das pessoas são todos ficcionais por uma questão de protecção da identidade das mesmas.

²A melhor tradução para suudu seria talvez 'quarto' ou 'casa'. É uma palavra Pulaar, língua falada pelos Peul do Senegal, com continuidades já bem evidenciadas para outras zonas da África Ocidental [ver Schmitz & Botte & Boutrais, 2001].

família. Aissata, mulher de um serigne³ migrante em Dakar, levanta-se e dirige-se também ela ao seu suudu e de lá traz um rádio, que não confia a nenhuma criança, não vá o diabo tecê-las.

As duas mulheres sentam-se e outras mulheres vêm juntar-se. Vivem todas ali no pequeno aglomerado familiar (família alargada) do chefe de aldeia, que raramente ali se encontrará por esta hora. Mais facilmente podemos ir ao seu encontro na Communauté Rurale do arrondissement, onde passa a maior parte do seu tempo, pois aí tem funções. Tierno Kâ é familiar do actual presidente da Communauté Rurale, Demba Kâ. Os outros homens nem vê-los pela aldeia. Estão quase todos longe. O marido de Aissata está nas suas “maraboutages” na cidade. O marido de Fatou também. O marido de outra mulher que se junta está pela reserva silvo-pastoral do Ferlo com os animais.⁴

O centro da aldeia está agora cheio de mulheres e crianças. O rádio faz-se ouvir enquanto é sintonizado pela mulher que o foi buscar. Ouve-se o mbalax, música tipicamente senegalesa de síntese entre a salsa latina e os ritmos tradicionais dos griots (gawlo em Pulaar). A emissão é em wolof, língua que a maior parte das mulheres que ali estão dominam mal e que as crianças, algumas, nem falam. A rádio é nacional porque não há muito tempo a Jéeri FM, rádio local, deixou de emitir. A antena de telecomunicações da SONATEL, que já estava partida desde o fim de 2007, partiu-se uma segunda vez, e deixou de funcionar. O presidente da rádio negoceia com os técnicos da SONATEL a difusão radiofónica na nova antena entretanto instalada. Porém, Aissata e Aminata continuam a ouvir o mbalax e o yella⁵ Peul, porque as emissões noticiosas tendem a mudar porque são sempre maioritariamente em línguas que conhecem mal, francês (que pronunciam faraiss) ou wolof.

Mas se a sua antena de televisão não se tivesse também partido, provavelmente estariam a ver televisão, através de uma pequena instalação com uma bateria de um automóvel. O «sistema de televisão portátil» compraram-no numa pequena boutique na sede de arrondissement, onde se arranjam e improvisam reciclagens de televisões, se fazem instalações eléctricas e adaptam

³ Serigne é a figura do homem religioso que domina os conhecimentos místicos que lhe permitem “curar os males”. Entre os Peul tornou-se comum, dados os seus conhecimentos de “medicina natural”, migrarem para as cidades ou mercados, a oferecerem os seus préstimos.

⁴ Os animais são um factor de distinção social entre os Peul, em particular o gado bovino. Há quem não tenha animais e cuide dos animais de outros com mais posses. Numa visão panorâmica sobre uma aldeia como estas será, no entanto, difícil perceber quem tem o quê, ou quem é proprietário do quê.

⁵ Estilo de música tradicional.

antenas; mas já não veêm a pequena caixa há 2 meses, e Aissata, “a proprietária”, mantém-na longe dos olhares curiosos.

Estamos assim durante pouco mais de uma hora, entre o chá e o som bem audível do rádio, que contrasta com o silêncio da envolvência. Além do rádio apenas mais um pequeno aparelho eléctrico anda pelas paragens, o telemóvel. A rede eléctrica passa a dois passos da cerca mas a aldeia não tem ligação.

O telemóvel presente é do toubab⁶, e as mulheres apressam-se a pedir um de presente, porque ali só os homens têm um telemóvel, que ainda custa uma boa quantia do orçamento familiar. O toubab gostaria de aceder aos pedidos mas não tem nenhum a mais para dispensar e acha que precisa daquele que tem. Com quem queresiam elas 'comunicar'?

GENTE DISTANTE DA ESFERA GLOBAL?

Começar este ensaio através de uma pequena ficção realista exige alguma explicação. Pretendi aqui descrever um cenário onde pessoas e Tecnologias de Informação e Comunicação se encontram no mesmo espaço, mesmo que nesse espaço o encontro que se dá entre pessoas e TIC seja feito de obstáculos e de silêncios. É um espaço que na “literatura” é frequentemente descrito como uma espécie de «fim do espectro do acesso» ao mundo tecnológico globalizado. Radicalizando a imagem da «falta de acesso» pretendo colocar desde logo em jogo as representações que nós mesmos fazemos dessa condição. Antes de mais porque os nossos hábitos já não permitem que concebamos uma paisagem desconnectada sem romantismos pastoris ou catastrofismos engajados. Será que a questão do «acesso» é a questão certa?

Muito se tem escrito sobre as novas tecnologias em África desde os anos 90. Muito se tem escrito também sobre as profundas alterações que as tecnologias trouxeram a todo o tipo de actividades humanas, das mais individuais às mais colectivas. Contudo, se em teoria as mudanças são de facto profundas, a todos os níveis das sociedades, na prática há não só ritmos diferentes, como opções, necessidades, e utilizações diferentes para os mesmos instrumentos. Esses mesmos instrumentos que são mais ou menos acessíveis.

Não é só o domínio das infraestruturas que está em causa. Novas questões se tornam pertinentes levar em conta, quando em jogo está a mutação da própria

⁶ Termo normalmente usado com os estrangeiros brancos, na maior parte das vezes sem uma carga pejorativa directa, embora também seja usado nesse sentido por vezes.

subjectividade humana. Os teóricos da cibernética e da cognição têm disso clara noção. Novos «sujeitos» e novos «corpos» são considerados em sistemas tecno-sociais do mundo contemporâneo. Sujeitos económicos, sociais, culturais, políticos, tecnológicos. A imagem das sociedades tornou-se mais convergente parece. Mas tudo isso é ainda relativo demais quando considerado à luz de africanos cujo contacto com a tecnologia é ainda muito residual.

A apropriação das tecnologias exige aos utilizadores uma certa habituação a um ambiente virtual e uma educação específica. A incapacidade de aceder à produção num modelo que evolui a velocidade própria que acelera cada vez mais [cf. Virilio] conduz a uma “exclusão”. Fala-se então de “fosso digital”⁷, a ausência de «conetividade» ou «acesso» é vista como um *handicap* porque se assume que África se deveria desenvolver num certo sentido. Porém, não é a mera presença de TIC que garante a participação no sistema global. Apesar disso, os cientistas mais do que apenas acreditarem que as TIC transportam consigo, veiculam, e difundem uma cultura globalizada, vão dizendo que não basta “equipar” África com tecnologias, é preciso fazer sair os africanos dum profundo abismo educacional, apostar na formação. No entanto, a produção de conteúdos e benefícios através das TIC implica tanto um domínio de base de certos conhecimentos como também a aplicação de uma lógica mercantil a cada vez mais domínios da vida (cf. Lipovestky, 2007). A narrativa é ainda a narrativa do desenvolvimento. Os indivíduos e grupos que usam maioritariamente a tecnologia digital como forma de produção continuam a localizar-se essencialmente no hemisfério Norte e são eles que encaram em primeiro lugar essa necessidade.

Nessa linha, Annie Cheneau-Loquay afirma que mais do que uma «fractura digital», existe uma «fractura educacional». E que, apesar do crescimento das TIC em solo africano, a verdadeira «fractura» Norte/Sul continua a ser constitutiva da relação dos africanos com a tecnologia. É algo que fica patente num conceito como *e-readiness*: um índice comparativista recente, que apareceu em 2006 por intermédio do Banco Mundial e avalia a conectividade e infraestruturas, o ambiente empresarial e legal, bem como as políticas e perspectivas governamentais e ainda a adopção das tecnologias aos níveis do consumidor e no mundo dos negócios. Conceitos como esse têm por base uma nova «ideologia do desenvolvimento» [cf. Guignard, 2007] que se renova vezes e vezes sem conta desde as independências: da transferência de poderes à modernização, ao combate à

⁷ Da expressão “digital divide”.

pobreza, e outras tantas bandeiras. A hegemonia cultural continua, no entanto, a fazer-se sentir nas infraestruturas em si. E assim, as novas comunicações, e os programas de intenção rumo a uma «democratização digital», chocam com a evidência de que a produção e implementação de infraestruturas, instrumentos e conteúdos continua ainda dependente de capitais estrangeiros.

Não é apenas o Banco Mundial e os capitais estrangeiros que visam esse desenvolvimento tecnológico. O NEPAD criou a *e-Africa Commission* para a promoção da “conetividade em África” ao qual se associou o lançamento recente do cabo submarino *ACE/Uhurunet* (início de construção em Junho de 2010), ambos com o objectivo de promover a cobertura total do território africano com ligação de fibra óptica⁸; e em 2005 no chamado Protocolo de Kigali (Rwanda) estabeleceu a base jurídica para uma convergência política estrutural no domínio das políticas do mercado das telecomunicações, mas que está ainda por avaliar o grau de sucesso da mesma.

Num exemplo igualmente claro de como as TIC estão na linha da frente das considerações dos governos; o Rwanda produziu, em 2000, um documento chamado *Rwanda Vision 2020*, onde se lê: “By 2020, Rwanda projects to have internet access at all administrative levels, for all secondary schools and for a large number of primary schools. Telephone services will be widespread in rural areas and efficiency of public services will have increased through the application of e-government principles.” [Rwanda; p. 19].

Ainda, um último exemplo, o Afrobarometer, “an independent, nonpartisan research project that measures the social, political, and economic atmosphere in Africa” (segundo as suas próprias palavras)⁹ considera a seguinte associação: quanto maior o índice de cosmopolitismo maior a participação política. E a consequente, conclusão: “While in some respects - particularly through their radios - Africans are very connected to the outside world, our findings suggests that the majority continue to be **local rather than world citizens**. However, this initial work on cosmopolitanism suggests that **their world becomes larger** (*sublinhado meu*) through both traditional and new forms of media and telecommunications, we can expect greater levels of political debate, increased willingness to accept political opposition and growing realism about the outside world” [Zenobia, p.8]

⁸ Ver o seguinte endereço <http://www.eafricacommission.org/> e ainda:

<http://www.eafricacommission.org/whats-new/news/09/07/2010/implementation-uhurunet-submarine-cable>

⁹ Ver <http://www.afrobarometer.org/index.html>

Acredita-se, então, que as TIC têm também impacto na participação política. Por outro lado, constata-se que são os africanos comuns que ficam mais uma vez de fora desse jogo. A dialéctica da «vitimização» / «agência» é a dialéctica desenvolvimentista da qual não parecemos sair quando olhamos para o continente. É também uma novela mediática na qual os actores não são os africanos comuns, mas os seus líderes. Nesse sentido, o estudo de apropriações concretas dos africanos sobre as TIC, e a forma como essa apropriação se replica e difunde, se esbate e se torna constitutiva das práticas quotidianas, privilegia uma outra ideia de que as mudanças introduzidas nas sociedades africanas, urbanas e rurais, tem como agentes principais, os indivíduos que generalizam a apropriação da tecnologia, e não as instituições que planeiam e tentam implementar programas com um léxico ideológico plenamente articulado.

En Afrique, les NTIC s'intègrent progressivement, à des degrés de densité variables, dans différents aspects de la vie sociale et constituent autant d'outils et de ressources porteurs d'enjeux, de modalités d'organisation, de représentations, de modèles culturels et de savoirs produits au Nord. Cependant **l'analyse des processus d'insertion et des formes d'usage de ces technologies, ne saurait se mener selon une logique simple de transfert d'un modèle imposé** par rapport auquel les Africains seraient de simples récepteurs plus consommateurs qu'acteurs. [CHENEAU-LOQUAY, *Introduction: Technologies de la communication, mondialisation, développement* in "Mondialisation et Technologies de la Communication en Afrique, p.12]

Visto que um simples modelo de «transferência de tecnologia» Norte-Sul, e que o discurso ideológico e político do desenvolvimento, não são suficientes para enterdermos toda a dimensão do fenómeno de crescimento das TIC em África. Paula Uimonen, diz-nos, explorando a relação entre a Internet e a Globalização nos países em desenvolvimento, que também o modelo centro-periferia não é adequado para perceber o maior enredamento de sociedades, localidades e indivíduos.¹⁰ Esse modelo, da crítica pós-colonial tende a ser unidireccional e a ver apenas segundo a linha na qual os centros se impõem às periferias. Neste domínio, os países em desenvolvimento, têm enormes desafios pela frente, numa «ordem mundial» informatizada. Para Uimonen, a aceitação e utilização das TIC, implica dinâmicas sociais próprias numa combinação entre

¹⁰ Ver também Arjun Appadurai, em *Modernity at Large*.

«cenário social» e «infraestrutura material» [cf. Uimonen, 2003] e não somente programas e relatórios quantitativos. E a essas duas dimensões podemos acrescentar uma mais individualista que considera também os indivíduos e a sua subjectividade como um factor relevante na melhor compreensão da «mediatização das sociedades africanas».

Na literatura disponível sobre a apropriação das TIC feita pelos africanos, lêem-se muitas vezes argumentos de como as tecnologias estão a alterar o panorama cultural. Raros são, no entanto, os exemplos concretos indicados, ou então tratam-se de exemplos genéricos que não chegam a mostrar como age a introdução da tecnologia num cenário social, nem como agem os indivíduos sobre a tecnologia. É uma bibliografia mais preocupada em definir o alcance das mudanças materiais e acompanhar um suposto movimento do mundo em direcção à «tecnologização inevitável», desejada tanto por cientistas como agentes de desenvolvimento, por políticos como membros da sociedade civil.

Ainda um outro exemplo desse desejo, a nível político, é a cimeira realizada em Fevereiro de 2010 pela União Africana, que teve como título: *Information and Communication Technologies (ICTs) in Africa: Challenges and Prospects for Development*. O que deixa claro que o assunto marca fortemente as agendas, o que leva também a que a aparelhagem retórica se torne mais técnica e que se especule mais. A retórica do desenvolvimento encontrou na «necessidade de difundir as TIC em África» mais um avatar para a modernização, o florescimento económico e social. Não é sem uma certa ironia que Thomas Guignard, numa tese de doutoramento intitulada *Le Sénégal, les sénégalais et Internet: médias et identités*, nos diz que o desenvolvimento é, ainda, uma espécie de *missão civilizadora* [cf. Guignard, p.23]. Um bom exemplo, das asperidades que a «transferência de tecnologia» tem é a série fotográfica do fotógrafo Olivier Asselin, intitulada, *Ghana E-Waste*, onde os despojos de computadores antigos e inutilizáveis se amontoam nas lixeiras, onde são ainda extirpados dos seus últimos fios de cobre.¹¹

O que está aqui em causa não é a capacidade ou o potencial dos benefícios que podem advir da «difusão» das tecnologias em África. Em causa está a associação causal entre a introdução da tecnologia, o desenvolvimento e o imperativo da globalização neo-liberal que poucos ou nenhuns adversários de peso parece ter. Em causa está a oclusão da ligação entre a difusão das TIC, o investimento privado, os imperativos do lucro: o facto de serem necessárias

¹¹ Ver: <http://www.olivierasselin.com/portfolio/ghana/e-waste>

infraestruturas de base para que funcionem (tipo satélites e cabos submarinos) a participação dos capitais de grandes grupos financeiros transnacionais¹² das telecomunicações. Uma breve análise ao tema das TIC em África destapa configurações empresariais, com ligações governamentais, ligações a programas de apoio das instituições internacionais, planos estratégicos de investimento. Vejam-se, por exemplo, os investimentos feitos essencialmente por grupos de telecomunicações na construção de infraestruturas de comunicação previstos para os próximos anos, os cabos submarinos: EASSy (2010), MaIN OnE (2010), GLO-1 (2010), WACS (2011) e ACE (2012)¹³. Veja-se o crescimento dos serviços cuja infraestrutura de base são as TIC, o crescimento dos mercados formais e informais de objectos, as ligações dos sectores públicos e privados e os lucros que aí se geram. Mas mais importante ainda, na minha opinião, estão também em causa as alterações produzidas ao nível das sociabilidades básicas, a complexificação das relações sociais através de novos mecanismos de interacção “virtual”, bem como a produção de novas formas de manejo e aproveitamento de recursos sociais.

O cepticismo choca com o positivismo e é difícil dar o valor ao saldo. O dualismo e a ambiguidade são o terreno de acção da ideologia.

A «EVIDÊNCIA DO GLOBAL» – IDEOLOGY@WORK

Voltando ao exemplo inicial da aldeia de Keur Ndjaga, não será muito difícil encontrar aí elementos que, a um primeiro olhar, confirmam que o mundo, hoje em dia, tem poucos lugares onde as tecnologias de comunicação não tenham chegado. A antena da SONATEL ali instalada perto, os cabos de alta tensão da rede eléctrica, a estação de tratamento de água, mas também, e em menor escala, a *boutique* de arranjo das televisões, as diversas *boutiques* de telemóveis, o mercado semanal, as *pièces détachés*, e desde o início de 2009 um *cyber-café*, estando em vias de aparecer um segundo.

É através desse tipo de estruturas que são medidos índices de desenvolvimento; e em consequência dessa ideia de desenvolvimento uma outra ideia, “humanista”, de “vida digna”. Descrever no entanto a forma como desde o início deste milénio esta aldeia se desenvolve, como aparecem estes serviços e porque razão estão onde estão, pode parecer uma tarefa só por si. Contudo, não se poderão esgotar por aí as considerações. As mesmas estruturas estão

¹² Ver Zygmunt Bauman (1998).

¹³ A informação pode ser encontrada em <http://manypossibilities.net/african-undersea-cables/>

próximas de diferentes tipos de populações, que tem abordagens muito distintas aos mesmos instrumentos. Os cabos de alta tensão passam a dois metros da cerca de Keur Ndaga. A antena de telecomunicações da SONATEL avista-se ao longe. A estação de tratamento da aldeia *arrondissement* está a 30 minutos de carroça. Marcos na paisagem. Marcos na história de mudança local. Marcos que ecoam uma ideia de um Senegal em desenvolvimento na base. Mas a história do desenvolvimento é sempre a mesma: há quem mesmo ali ao lado pareça ainda estar a anos-luz daquilo de que estamos a falar. Os habitantes de Keur Ndaga tocam nessa estrutura que os rodeia, são tocados por ela, pertencem-lhe, ainda que mais indirectamente do que os seus vizinhos. Em Keur Ndaga, na escola, o professor Magatte Gueye ensina "virtualmente" a sociedade à qual os meninos e meninas Halpulaar devem pertencer. Com a ajuda de fotografias, desenhos, mapas, gráficos, mostra comboios, aviões, carros, telefones, estradas, electricidade, computadores, submarinos, televisões, comunicações. Em Março de 2008 dizia: "(...) nos livros fala-se de imóveis, fala-se de comboios, de portos ... falamos-lhes de aviões. Esses são conceitos que não são imediatamente entendidos pelas pessoas da aldeia. Aqui há crianças que nunca estiveram em Louga [capital da região]...que nunca saíram da localidade (...) um rapazinho assim, o que pode ele saber quando lhes falas de comboios ou aviões !?...não dá para fazer mais do que lhe mostrar as imagens. Ele poderá ter uma ideia sobre a coisa ... mas vai continuar a faltar demasiado ..." [tradução livre a partir de entrevista a Magatte Gueye, professor primário de Keur Ndaga, registada em vídeo em Março de 2008].

Então, se é evidente que numa pequena história podemos dar conta de exemplos que imediatamente nos fazem lembrar que uma sociedade globalizada *passa por ali*, também é evidente que apesar da proximidade, a aldeia de Keur Ndaga se encontra num lugar paradoxal nos tempos que correm [cf. Guignard, 2004].¹⁴ A resposta do professor, por outro lado, sublinha as dificuldades de *trazer a notícia de um mundo* que não é de todo evidente para o pequeno Sidi, ou a pequena Khadiatou, que com os seus 12 anos já está casada há três e aguarda a maioria para ir viver com o marido. O pequeno Sidi tem uma curiosidade especial com o futebol, que é também um dos programas preferidos na aldeia, em tempos em que a televisão funciona. No início de 2008, pela altura da *Coupe d'Afrique*, podíamos encontrar esse rapazinho, de cada vez que havia um jogo de

¹⁴ Segundo a classificação de Thomas Guignard (2004), um «oásis de modernidade num deserto de tecnologia». No mapeamento da acessibilidade da Internet no Senegal este autor mostra que a zona em que está situada esta aldeia é uma «zona sem acessibilidade» ou onde a acessibilidade é residual.

futebol, noutra aldeia, pacientemente à espera dos jogos. Ele e os seus amigos quase todos conhecem os nomes de estrelas internacionais do futebol como o Cristiano Ronaldo ou Lionel Messi. O que eles não sabem é que a sua participação num sistema que valoriza imagens desses indivíduos-produto torna os ricos mais ricos, e os pobres mais pobres.¹⁵

É preciso alguma reflexão para nos afastarmos do imediatismo com que olhamos para as camisolas de futebol que circulam por onde quer que andemos em África, ou para as antenas parabólicas que se guiam em direcção às transmissões da Liga dos Campeões. Num primeiro impacto, pode pensar-se que se tratam de elementos «externos». Lentamente percebemos que o *externo* já não é tão externo assim. Nesse sentido, para Peter Sloterdijk:

a história da época moderna (...) não é num primeiro tempo senão uma história de uma «revolução» do espaço exterior homogéneo. Ela põe em prática a explicitação da Terra na medida em que os seus habitantes vão sendo gradualmente ensinados de que as categorias de vizinhança directa não bastam já para interpretar a coexistência com outras coisas e outras pessoas num espaço alargado. Ela **realiza a catástrofe das ontologias locais (...) [e] o capital alegre e moderno avança sobre os seus cinco avatares: mercadoria, dinheiro, texto, imagem e notoriedade.**” [Sloterdijk, p.39]. E daí resulta talvez uma espécie de corolário de que **“o facto central da época moderna não é que a Terra gira em volta do Sol, mas que o dinheiro gira à volta da Terra.”** [Sloterdijk, p.45]

A metáfora do *Palácio de Cristal* é a do *interior absoluto*, interior climatizado onde se simula um exterior que já não existe. Sloterdijk apresenta uma teoria da globalização cuja terceira e última fase tem 500 anos, e começa com a expansão europeia, os navegadores, os instrumentos de navegação, a cartografia, numa esfera crescente de inclusão, constituída por fluxos que não são nem exclusivamente económicos, nem exclusivamente culturais. Uma globalização que se erigiu com a exploração colonial conquistadora, plantadora, traficante, comerciante. Uma globalização que tocou as costas a 50km da aldeia de Keur Ndjaga logo desde o “início”, quando o território ainda fazia parte dos antigos reinos Wolof. Um processo, enfim, que se estendeu para lá dos mares e dos navegadores, na intensificação da navegação, para sistemas mais e mais

¹⁵ Ver por exemplo Lipovetsky (2007) e Lipovetsky e Serroy (2010).

complexos de jurisdição e propriedade, e eventualmente, cada vez mais, às consciências e à forma dos seres humanos se pensarem no mundo.

Falar de globalização potencia uma imagem de uma história que é uma “história de feitos e des-feitos” não só do mundo ocidental, mas também das próprias comunicações e da forma como os seres humanos têm feito da sua capacidade comunicativa um motor das sociedades. Essa história das comunicações é ironicamente também a história de um largo período de hegemonia do mundo ocidental colonizador, que parece finalmente estar a esbater-se. Processualmente, a velocidade de aceleração das comunicações [cf. Virílio] acompanha também a generalização estrutural do neo-liberalismo capitalista à escala global, sendo que este parece ter-se tornado numa espécie de infraestrutura político-económica da contemporaneidade. A Tecnologia, o instrumento da ideologia reinante, passou a ser associada à Democracia. Citando mais uma vez o Afrobarometer: “Democracies are assumed to rely on an informed and active citizenry. Freedom of the press, freedom of speech, and access to a variety of independent media sources are therefore considered essential elements of democratic societies. The Afrobarometer has been asking respondents since 1999 how often they get news from various sources, including radio, television and newspapers.” [Zenobia, 2009, p.1]. E essa, a democracia liberal capitalista, é o *modus vivendi* para o qual não parece haver alternativa [cf. Sloterdijk, 2009, p.63].

África, vista ainda como um todo¹⁶, é exemplo daquilo que Slavoj Žižek diz ser o funcionamento actual da ideologia. Sob a aparência de um mundo pós-ideológico, propalado por neo-liberais conservadores, desde a «queda do muro de Berlim»¹⁷, num tempo de «capitalismo global», a ideologia encontra-se mais enraizada que nunca, dissimulada sob a aparência da liberdade de escolha. “(...)we experience ourselves as “free” simply when we are able to act in the way our organism has determined, with no external obstacles to thwart our inner propensities. Liberal economists like to emphasize freedom of choice as the key ingredient of the market economy (...) In the “Marxist” version of this theme, the multiplicity of choices with which the market bombards us only serves to obfuscate the absence of any real radical choice concerning the fundamental structure of our

¹⁶ Apesar da crítica de V.Y.Mudimbe (1988)

¹⁷ “L'implosion de l'hémisphère socialiste réel n'a pas seulement réduit à l'insignifiance leurs propres idéologies et appareils, elle a plus encore plongé dans la perplexité le capitalisme «victorieux» en le forçant à prendre pratiquement seul la responsabilité du monde.” [Sloterdijk, colère, p.56]

society.” [Zizek, 2009, p.62-63]¹⁸. Nessa perspectiva, os africanos estariam, tanto quanto qualquer pessoa, privados de auto-determinação. A ideologia funciona, portanto, na sua opinião, através de uma dupla crença: quando se acredita que ela “já não existe”; e, cinicamente, agindo num modelo ideológico como o capitalismo *como se não houvesse alternativa*, implicitamente aceitando a estruturação da sociedade em torno do lucro.

A «evidência do global» é, então, para mim, a capacidade que o capitalismo teve de se afirmar como único modelo económico “viável”, sob o pano de fundo de um mundo onde as fronteiras abolidas são as fronteiras dos mercados liberalizados, não as fronteiras dos organismos humanos e das suas disposições sócio-econo-biológicas, as pessoas continuam a ter passaportes africanos ou europeus, e continuam a existir desigualdades que caracterizam a humanidade desde sempre, nas relações laborais, nas relações hegemónicas, nas relações identitárias. Aí funciona a ideologia capitalista ao nível das consciências despolitizadas dos «consumidores». Esse capitalismo, não olha a valores e a sociedades, *seduz* com facilidades para *induzir* uma «felicidade paradoxal», como lhe chama Gilles Lipovetsky. Esse mesmo capitalismo beneficia do “desenvolvimento” da «sociedade de consumo» em África. Mas mais do que criticar as TIC como instrumentos ao serviço de uma ideologia, gostaria de frisar o seu potencial enquanto objecto de estudo, quando localizadas.

Por seu lado, a globalização parece acelerar ainda mais a produção de diferenças, heterogeneidades e fronteiras através de estruturas de desigualdades inerentes ao capitalismo [cf, Nyamnjoh, 2004, p.42]. Ademais, o aparecimento de um capitalismo global mostrou que a «economia de mercado» não está obrigatoriamente ligada à democracia como se pensava, a emergência da China enquanto actor global é disso exemplo [cf, Zizek, 2009] E, conseqüentemente, também o corolário da auto-regulação neo-liberal pode ser posto em causa. Segundo Zizek, a recente crise de 2008, da qual se fazem ainda sentir as conseqüências veio mostrar que a especulação económica a que está sujeito o mundo hoje em dia, obriga a que os Estados estejam mais atentos aos malabarismos financeiros. Além disso, hoje em dia, não serão as TIC o instrumento por excelência do mercado? Dos fluxos? Do dinheiro? Mas também e, cada vez mais, de cultura? De sociabilidade?

¹⁸ Sobre a “liberdade”, uma outra possibilidade, na mesma linha: “D’un point de vue biologique, la liberté représente la capacité d’actualiser tout le potentiel des mouvements spontanés qui caractérisent un organisme.” [Sloterdijk, 2009, p.35]

MIGRAÇÕES, TECNOLOGIA E O SENEGAL - FLUXOS DE PESSOAS E A DISSOLUÇÃO SUBJECTIVA DE FRONTEIRAS NUM MUNDO DE FRONTEIRAS MATERIAIS.

Falar de «globalização» enquanto conceito operativo é hoje, se não terreno lamacento, no mínimo um terreno pouco sólido, onde não há coros. Desde há cerca de duas décadas que os estudos que lhe são consagrados se vêm adensando e actualizando. A dificuldade de circunscrever o conceito de «globalização» é a dificuldade de conceptualizar uma pretensão holista que tende a reduzir as diferenças que dificilmente podem ser conciliadas numa grelha de análise simplista. Não é aqui o espaço para explorar mais a fundo as limitações do conceito, mas sim de sublinhar por exemplo, mais uma vez, a ideia de Sloterdijk de que a globalização é um «espaço sem exterior».

A necessidade sentida de explicar a interligação das coisas e de dar conta da complexidade dos fluxos contemporâneos, leva por exemplo Appadurai a dizer-nos que “even an elementary model of global political economy must take into account the deeply disjunctive relationships among human movement, technological flow, and financial transfer.” [Appadurai, 1994, p.35]. Esta frase parece tematizar muito bem muitos dos trabalhos das ciências sociais que se têm dedicado aos estudos de caso em África, dedicados ao transnacionalismo, à transferência de tecnologia e dinheiro, e às migrações. Os migrantes emergem então como actores cada vez mais importantes da modernidade africana, estatuto que lhes tem sido concedido tanto em termos económicos, como em termos sociais e culturais.

Appadurai considera que “the new global cultural economy has to be seen as a complex, overlapping, disjunctive order that cannot any longer be understood in terms of existing center-periphery models (...)” mas acrescenta que “nor is it susceptible to simple models of push and pull (in terms of migration theory) (...)” [Appadurai, p.32]. É importante sublinhar essa ideia, de que não é possível dar conta do fenómeno migratório contemporâneo em simples termos causais. Assim sendo, já não são apenas as *motivações objectivas* que devem ser consideradas, como a pobreza, os conflitos, as alterações climáticas, a falência do mercado de trabalho formal, o êxodo rural e a pressão demográfica, que embora desempenhem um papel de peso, não são as únicas razões que contribuíram nas últimas décadas para o aumento da migração dos países africanos do Sul para os

países do Norte. A dimensão subjectiva do fenómeno migratório deve igualmente ser levada em consideração.

A «singularização» dos *bem sucedidos* em termos sociais assume-se como uma narrativa mitológica [cf. Fouquet; Latour; Riccio, Buggenhagen]. O *el dorado* parece ter-se tornado alcançável. No Senegal, poucos são os jovens que, hoje em dia, alimentam alguma espécie de projecto de futuro que passe pela tentativa de se estabelecer no próprio país. Um exemplo caricatural é uma conversa com seis jovens, na qual apenas uma dizia que gostaria de ficar no seu país, poder ser uma embaixatriz, para poder dar vistos de saída a todos os seus amigos. Todos os outros, com graus distintos de informação sobre os possíveis destinos alimentam os seus respectivos sonhos de partir. De entre os seis, no entanto, nem todos parecem alimentar um projecto concreto, estando dependentes muitas vezes da mobilização familiar [cf. Riccio]. Os que acabam por partir e chegar, como ficou patente numa conversa recente com um senegalês nas ruas de Lisboa, ilegalmente, vêem tanto a viagem como o processo de regularização como a antecipação de um futuro melhor, mais móbil, onde podem viajar entre o seu país natal e os países onde “há dinheiro”.

O fenómeno migratório senegalês contemporâneo está relativamente bem documentado, como o demonstra a colectânea de artigos organizada por Momar-Coumba Diop, *Le Sénégal des Migrations*, que não é exemplo único. Nesse volume, Mamadou Mbodj diz-nos que: “les motivations des jeunes, au-delà des impératifs économiques, semblent liées aussi à un impérieux besoin d'advenir en tant qu'individu (...) Le besoin d'émigrer relève aujourd'hui d'une stratégie de fuite, de rupture avec le milieu sociofamilial.” [Mbodj in Diop, 2009, p.314]. Isto, “pour advenir enfin comme «nit ku mat té tékki» (littéralement quelqu'un de valable et d'utile en wolof), avec un puissant sentiment de valorisation et de fierté” [Mbodj in Diop, 2009, p.317]. Uma ideia parecida ecoa num artigo de Thomas Fouquet que nos diz, a propósito, que ainda não existem muitos trabalhos que questionem os fenómenos migratórios “dans leurs **déterminations imaginaires**, principalement celles du voyage et de «l'Ailleurs» comme lieu fanstamé de réalisation des aspirations” [Fouquet, 2004, p1]. Bruno Riccio, por seu lado, mostra que a questão não se esgota no indivíduo bem sucedido e que, na verdade, é toda a comunidade que está em causa no que toca à imigração. As pressões sociais para o sucesso são também as pressões que os que retornam a casa, definitiva ou temporariamente, têm de aguentar, para que num momento futuro, se tornem nos

tais «nit ku mat té tékki». Essas pressões, contudo, são altamente ambíguas, pois se por um lado «os que ficam» desejam o sucesso do migrante, por outro lado são eles também que mais facilmente apontam a «soberba ostentatória do migrante», se é que assim o podemos chamar. [ver Riccio, 2005 e Fouquet, 2004] Beth Anne Buggenhagen dá-nos o exemplo dos agregados domésticos Mouride em Touba, e a forma como os rituais domésticos, como casamentos e batizados, têm também vindo a ser alterados pela imigração, concomitantemente com as ideias de «valor» e «lucro». Em suma, as alterações produzidas pelo que já foi chamado de «cultura migrante» são muito profundas.

O parágrafo precedente serve para pôr em evidência um aspecto da migração que normalmente parece ser menos evidente na maior parte dos estudos, ou seja, não apenas as questões materiais do sucesso, como também as dimensões mais intangíveis das aspirações e motivações subjectivas. Como já mencionei, diversos são os estudos que nos mostram que tudo isto não se trata de uma simples questão de dinheiro, mas que se trata também de uma questão de notoriedade, ou prestígio social. Estará o «désir d'Ailleurs» ligado apenas aos imigrantes bem sucedidos? Que sucesso é esse? perguntam também alguns desses estudos. Sucesso socialmente ao constituir família e atingir a maioria? Sucesso enquanto bom fiel? Sucesso junto da família garantindo a independência? Sucesso económico na provisão da família? Numa sociedade como a senegalesa esses são certamente pontos fulcrais para avaliar o grau de *bem-estar social*¹⁹, numa cultura de *frères-ainês* onde a idade é factor “tradicional” de valor, numa cultura de *marabouts* onde a participação na comunidade religiosa é factor de auto-promoção, numa cultura onde *le mariage* é um tema quase diário²⁰, e, por fim, numa sociedade onde impera a “culture de la «débrouille»”²¹ [cf. Diop, 2008, p.20].

O “sucesso” é sempre relativo a um conjunto dado de valores. A *singularização* dos indivíduos é concomitante da mutação dos *gostos* e *desejos* de toda uma sociedade. Apesar de sintomático, nunca é geralmente válido enquanto grelha de análise. A imagem distorcida e fantasmática do ideal de vida que faz do «désir d'Ailleurs» uma espécie de *meio*, tem também as suas versões extremadas. A vontade última de atingir o sucesso é a expressão *Barça mba Barzakh* [cf. Diop, 2008 e Ba, 2008], isto é, «Barcelona ou a morte», ou ainda, o sucesso ou a morte.

¹⁹ Querendo com essa expressão significar o “reconhecimento”, ou “sucesso” perante os seus pares.

²⁰ É definitivamente um dos temas preferidos de qualquer senegalês, homem ou mulher, novo ou velho.

²¹ Momar-Coumba Diop elaborando o termo a partir da tese de doutoramento de Abdou Salam Fall, em livro: *Bricoler pour Survivre*, Paris, Éditions Karthala, 2007.

Sublinha-se a introdução do elemento Barça que indica bem o papel dos *media*, em geral, no sustento da imagem de sucesso.

Do parágrafo anterior sai reforçada a importância das TIC. Eliane de Latour a propósito dos migrantes costamarfinenses de Abidjan e San Pedro, num exemplo que se pode aproximar, escreve: “L’émigration fonctionne sur une illusion depuis son origine à laquelle participent aussi ceux qui ont attendu en silence et profité du retour glorieux. les bienfaiteurs ont toujours été célébrés de manière emphatique par les griots (...). Le passage par le rêve des standards, suscité par les images médiatiques, rend possible une réappropriation de soi, loin de l’uniformisation «désidentifiante» tant crainte par les Cassandres de la modernité. C’est précisément parce que cette «réappropriation» peut exister (cela ne veut pas dire un taux de réussite parfait) que l’échec au voyage est pire que l’immobilité sur place: de pauvre au départ, le guerrier est devenu minable, il n’a rien rapporté. **«Le guerrier ne peut revenir sans gibier sinon qu’est-ce qui prouve que c’est un guerrier?»** [Latour, 2003, 187]. A reter da citação de Latour que é a forma epopaica das narrativas de imigração, entre o «sucesso» e o «fracasso», as laudatórias dos *griots* ou dos *media*, a consagração ou o definhamento sociais. Tudo isto pode constituir o que Thomas Fouquet chama de **«aparelhagem simbólica e material do sucesso»** [Fouquet *in* Diop, 2008, p.270].

Toda essa aparelhagem teria muito menos impacto se não fosse pela omnipresença das TIC. Além do aspecto marcadamente simbólico das representações em torno da migração senegalesa não nos devemos esquecer de que os migrantes são, antes de mais, uma importante fonte de investimento económico no Senegal, sendo os mercados preferenciais o imobiliário e o chamado *petit commerce*. As estatísticas variam conforme as entidades, os anos, e a utilização que delas é feita, ou ainda se são “oficiais” ou levam em conta também números “informais”, mas estima-se que pelo menos 7% do PIB do Senegal provenha de remessas de dinheiro dos imigrantes. Tal importância não deixa nada a desejar no que concerne a imagem que se passou ainda há momentos, do sucesso. As remessas, por outro lado, beneficiaram também da evolução das tecnologias para se tornarem praticamente instantâneas, com serviços como a Western Union. Como nos confirma Serigne Mansour Tall: “beyond their contribution to the country's balance of payments, financial flows sent by migrants raise the standard of living of households and

contribute to the emergence of an entrepreneurial sector and to the development of rapid, transnational circulation of capital. “ [Tall, 2004, p.39]

Por outro lado, alguns dos negócios florescentes destes migrantes estão claramente ligados à emergência das TIC. Exemplos disso são os cybercafés, os télécentres, as *boutique* de telemóveis, fazendo uso dos recursos disponíveis em termos de infraestruturas [cf. Tall, 2004] e estabelecendo fluxos de importação das tecnologias cada vez mais fortes. Negócios que mais do que apenas indicarem oportunidades que são bem acolhidas junto das populações, essencialmente urbanas, mas também rurais, expressam também uma necessidade bem concreta de continuar a participar nas comunidades das quais estão “exilados”, bem como a necessidade dos africanos de se informarem mais e melhor.

Por algumas destas razões genéricas os migrantes são não só *modelos* contemporâneos para os jovens em busca de *s’ensortir*, mas também os precursores de uma democratização dos meios de comunicação, antes na mão dos mais poderosos, com maior capital social e económico. A participação mais activa dos migrantes nas suas comunidades e famílias, o estatuto de que gozam, contribuem também para alimentar o «*désir d’Ailleurs*», desejo onde as fronteiras são antes a prova a superar, do que o obstáculo intransponível. Só os que realmente arriscam as viagens têm plena consciência de que as fronteiras existem e que se multiplicam para si, em muitos mais domínios do que só os físicos, nas sociedades do Norte, que hesitam em abrir as portas e, porque não dizê-lo, as consciências. A relação dos migrantes com o crescimento da tecnologia num país como o Senegal é um tema muito importante nas considerações dos impactos concretos que a tecnologia tem nas sociabilidades.

Manuel Castells na sua obra *Sociedade em Rede* diz-nos que, actualmente, os indivíduos “conectores” são pessoas que começaram a acumular poder, precisamente porque intermedeiam o acesso das pessoas às tecnologias de comunicação e informação. Nesse sentido, e olhando os migrantes dessa perspectiva, estamos perante novas formas de poder social.

A SOCIALIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS – TECNOLOGIAS ACULTURADAS OU TECNOLOGIAS INERTES?

Gado Alzouma, um investigador do Níger, num ensaio chamado *Myths of digital technology in Africa*, escreve: “*Tout d’abord peut-on réduire les phénomènes exposés (...) à des «transformations sociales»?* Quelle est la profondeur de ces

transformations? En d'autres termes ont-elles affecté la structure de la société, les rapports sociaux (par exemple les rapports entre hommes et femmes ont-ils été affectés par ces transformations)? Mieux encore, au-delà de l'adoption et même de «l'appropriation» de ces objets (c'est-à-dire de leur intégration à la vie quotidienne), les Africains sont-ils demeurés des récepteurs passifs de technologies découvertes et fabriquées ailleurs ou bien ont-ils été capables de devenir à leur tour producteurs, y compris de sens (sur Internet par exemple)? “[Alzouma, 2008, p.39]

Tratando-se de um assunto complexo que necessita de ser avaliado no terreno e, para tal de trabalho de campo complementar, darei de um exemplo de como a questão de Gado Alzouma pode ser respondida, por referência por exemplo ao Senegal urbano (Dakar). O ensaio de Francis B. Nyamnjoh, não deve ser visto como uma resposta cabal a nada, mas sim como uma interessante leitura da interação, simbólica e material, entre a «linguagem do consumo» e da tecnologia com as dinâmicas sociais específicas a Dakar. Ou, dito de outra forma, possíveis formas de ver **como os «instrumentos da globalização» se misturam com as realidades e, pela acção criadora de sentidos das pessoas, passam a fazer parte do quotidiano não como elementos «exteriores» mas como elementos de uma nova interioridade**. Isto é, Senegal e outros países africanos são, relembrando uma citação em destaque de Annie Cheneau-Loquay, países onde a penetração das tecnologias deverá ser equacionada através das agências e das formas localizadas de utilizar a tecnologia. Devemos lembrar-nos que todo o potencial criador das pessoas e das tecnologias conduz a uma integração dos instrumentos nas estruturas sociais e códigos locais. E por outro lado que, os africanos não são receptáculos de uma forma de sociabilidade imposta pelas TIC. E ainda que, a generalização de certas interpretações sobre o «valor» das tecnologias para as sociedades contemporâneas não é razão para não olhar mais directamente para o que fazem as pessoas com os instrumentos em causa. Esquecer isso é discutir apenas a ideologia tecnológica.

FRANCIS B. NYAMNJOH – DISQUETTES E THIOFS, “SLIM AND PORTABLE” E “BIG FISHES”

O ensaio de Nyamnjoh é de natureza simbólica. É, segundo as suas próprias palavras, uma análise da «linguagem do consumo» e comodificação do

sexo em Dakar. [cf. Nyamnjuh, 2005, p.297]. No seguimento dessa análise é, importante, frisar o que Nyamnjuh não esqueceu de deixar claro “Methodologically, the present paper did not attempt to generate ‘hard data representative of all segments’ of Senegalese society, obtained through services or ‘fieldwork’ conducted on pre-selected target populations in specific and specified locations. While conventional studies might harbour such pretensions (with obvious potential benefits), not every subject matter can be adequately explored with the rigour of a sampled survey.” [Nyamnjuh, 2005, p.297] Assim, para Nyamnjuh a urbanidade de Dakar é sinónimo de um cada vez mais visível consumo. As *disquettes* são mulheres jovens *trendy*, ou “slender, elegant, educated, fun-loving, nightclubbing, often young, girls fascinated by Western consumer tastes, music and the rising tunes of Senegalese stars” [Nyamnjuh, 2005, p.299]. As *diriyankes* são vistas como a antinomia das *disquettes* e são mulheres “redondas”, uma preferência nacional no Senegal, perfumadas, com jóias vistosas, vestidas ricamente conforme a tradição, *bazins* e *wax*, mais velhas por norma, peritas na arte da sedução, cheias de “truques” para agarrar um homem, com os seus *bine-bine* à cintura. Assim tipificadas, as mulheres. Por seu lado, os homens, Nyamnjuh, tipifica-os através de uma metáfora culinária, entre *thiofs* e *yayboy*, ambos peixes, respectivamente, o peixe maior e considerado “o mais saboroso” na preparação do famoso *Tiebou Dienn*, e o mais pequeno dos peixes cheio de espinhas e difícil de comer, mas também o mais barato. Os *thiof* são metaforicamente, os *grandes peixes*, os homens considerados melhores partidos, com meios e boas posições socialmente. Os *yayboy* são, como já se espera, o seu espelho negativo, o *pescado* alternativo, que se ‘consome’ à falta de melhor. São um pouco duras estas classificações mas o autor não está propriamente preocupado em torná-las em algo definitivo mas sim através de um conjunto de associações interessantes desnovelar uma linguagem contemporânea em Dakar, onde se jogam as representações do consumo. As tecnologias de comunicação não são esquecidas e os telemóveis são os instrumentos da aproximação das *disquettes* jovens e os *thiof* bem estabelecidos. São também uma forma encontrada de contornar a exigência de decoro da religião muçulmana, permitindo a marcação de encontros sem o controlo da rede social em que estão inseridos. Além dessa, a *disquette* é a metáfora computadorizada do bem consumível, portátil, descartável, mas também susceptível de muitas infecções virais. Todos esses personagens tipo vagueiam pelo texto e as representações interpenetram-se. Sobressai a capacidade de através de um léxico adaptado dar uma imagem bem vívida da sexualidade na

cidade de Dakar, ao mesmo tempo que essa linguagem mescla e hibridiza as 'novidades' e as 'instituições'. É uma linguagem da modernidade de uma capital africana, por mais que possam ser questionados os princípios sobre os quais se erigem tais interpretações. Mas mais do que tudo, é uma possibilidade.²²

Que alterações então?

Em que pé ficamos com a questão de Gado Alzouma? Que alterações às estruturas sociais? Que mudanças nas relações de homens e mulheres? O exemplo dado não chega para responder a uma questão dessa natureza. Perguntar que alterações às estruturas sociais, ou às relações sociais, podem as tecnologias trazer, é assumir que existe uma estrutura que se pode tornar objectiva em domínios que são muito intrincados, entre representações e instrumentos, forças sociais concretas, continuidades e novidades. Tanto se pode falar de sexo como se podia falar de religião (ver Launay) e certamente de muitos outros domínios que são os domínios das relações entre pessoas numa contemporaneidade feita de 'comunicação', e de produção e difusão da mesma. Será África diferente? Não. No exemplo inicial de Keur Ndaga, num meio rural, como no exemplo final em Dakar é na interacção entre pessoas e instrumentos tecnológicos que reside a especificidade e a diversidade de convergências e divergências com o mundo globalizado.

Devemos abandonar a questão de Alzouma? Não completamente, na minha opinião. Devemos guiar-nos pelos questionamentos sobre a mudança, porque como dizem autores como Bauman, ou Sloterdijk, o movimento tornou-se constitutivo da contemporaneidade. Por outro lado, um discurso mais politizado como também tentei trazer à luz, tem preocupações radicalmente diferentes, sobre o que representam as tecnologias para África. No entanto, essas preocupações dificilmente encontrarão respostas junto de pessoas que querem antes de mais apropriar-se dos instrumentos da globalização para fazer valer as suas próprias necessidades, mesmo que isso em última instância as coloque numa posição ainda mais desfavorável. Com quem queriam as mulheres do meu exemplo inicial comunicar? As expectativas de consumo já estão criadas entre essas mulheres. Não muito distantes as expectativas de consumo são ainda mais elevadas e as 'apropriações' já se tornaram quotidianas. Mas não mais distantes também outros exemplos há, de zonas onde tal não aconteceu, onde máquinas fotográficas são

²² Será útil contrastar este ensaio de Francis B. Nyamnjoh com o ensaio de Thomas Fouquet também sobre os imaginários.

objectos estranhos, onde os telemóveis são usados só pelos homens mais velhos das aldeias, onde o rádio soa menos que o pilão, onde as escolas, a luz eléctrica e a água são reivindicadas, e as prioridades são outras.

O título desta secção indica as questões de base que gostaria de aqui deixar em aberto. Parece haver uma tendência, a partir do advento mais recente das tecnologias de informação e comunicação em África, a usar um certo quadro de análise genérico sobre a importância dessas tecnologias para o futuro. Quando se discute o valor histórico da globalização normalmente deixam-se de lado as historicidades específicas da evolução local num quadro globalizante. Continua-se a questionar o desenvolvimento a partir quase exclusivamente das suas dimensões materiais e ideológicas. Pessimistas e optimistas reclamam os seus argumentos, nos seus campos de análise mais ou menos politizados. Os estudos sobre a migração confluem com as tendências de mudança nas teorias sociais [cf. Castles, 2008] e mostram a nova e renovada importância dos fluxos de pessoas, em termos materiais, sociais e culturais, e daí a importância dos migrantes.

A tecnologia, e em particular as TIC, aculturam as pessoas ou são aculturadas elas mesmas? Até que ponto se pode considerar que as TIC são inócuas e inertes? Não implicam elas modelos de estruturação? Pelo contrário, porque implicam modelos de estruturação, não são feitas novas adaptações? Devemos evitar a linearidade ao responder a estas questões. A linearidade conduz-nos a modelos “claros”, centro-periferia, exclusão-inclusão, Norte-Sul, desenvolvidos/em-desenvolvimento, e outros tantos. Mas a “clareza” aqui é inimiga da grande anarquia que cada pessoa, indivíduo, introduz na generalidade. Gostaria de expressar então o óbvio: que são as pessoas que se apropriam das tecnologias e não as tecnologias que se apropriam das pessoas. Que mais do que rupturas ou continuidades devemos estar mais atentos a novas práticas e a forma como elas indicam especificidades e necessidades diferentes.

Por último, gostaria de deixar em aberto que, parece ser ambíguo o efeito das TIC: oferecem «participação» em troco de uma nova «identidade» mais flexível aos caprichos do capital.

BIBLIOGRAFIA

- Alzouma, Gado (2005), "Myths of digital technology in Africa: leapfrogging development?" in *Global Media and Communication*, Vol. 1, No. 3, 339-356, online em: <http://gmc.sagepub.com/cgi/content/abstract/1/3/339>

- Appadurai, Arjun (1996), "Modernity at Large: cultural dimensions of globalization", University of Minnesota Press, Public World Series vol.1, Minneapolis & London
- Appiah, Kwame Anthony (2006), "Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers", Penguin Books
- Ba, Cheikh Oumar (2008), "Barça ou Barzakh: L'émigration clandestine sénégalaise vers l'Espagne entre le Sahara Occidental et l'Océan Atlantique", Coleção Textos de Casa Árabe, online:
http://www.casaarabe-ieam.es/old_files/~archivos/textos/20070608ba_ES.pdf
- Barry, Boubacar (1985), "Le Royaume du Waalo: le Sénégal avant la conquête", Éditions Karthala
- Bauman, Zygmunt (1998) "Globalização: as consequências humanas", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999
- Buggenhagen, Beth Anne (2001), "Prophets and Profits, gendered and generational visions of wealth and value" in *Journal of Religion in Africa*, Vol. 31 (4)
- Castells, Manuel (2007), "A Sociedade em Rede", Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição
- Castles, Stephen. (2008) "Development and Migration, Migration and Development, What Comes First?" Presentation at Social Science Research Council Conference. New York, 28 February-1 March 2008. online em:
<http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/S%20Castles%20Mig%20and%20Dev%20for%20SSRC%20April%2008.pdf>
- Cheneau-Loquay, Annie (2007), "From networks to uses patterns: the digital divide as seen from Africa", in *Geojournal*, Vol. 68 nº1, pp. 55-70, Springer Netherlands, online em
<http://www.springerlink.com/content/f4t6153w6622n5u6/fulltext.pdf>
- (2007a), "La connexion internationale de l'Afrique sub-saharienne, entre marché et bien public" in Mattien, M. 2007, *Le Sommet mondial sur «la société de l'information» et après? Analyses et perspectives sur l'avenir de la Cité globale*, Bruxelles, Bruylant, disponível online em
<http://www.africanti.org/IMG/articles/CHAP.11%20ACL.pdf>
- (2004) "Introduction: Technologies de Communication, mondialisation, développement" in Cheneau-Loquay, Annie "Mondialisation et technologie de communication en Afrique", Éditions Karthala, Paris
- Dahou, Tarik (2004), "Entre parenté e politique: Développement et clientélisme dans le Delta du Sénégal", Éditions Karthala e Enda Graf Sahel, Paris e Dakar
- Diop, Momar-Coumba (2008), "Le Sénégal des Migrations: Mobilités, identités et sociétés", Éditions Karthala, Onu-Habitat et CREPOS
- Fall, Abdou Salam (1998), "Migrants long-distance relationships and social networks in Dakar", *Environment and Urbanisation*, vol.10 Nº1, April 1998
- Fouquet, Thomas, "Variations autour des imaginaires constitutifs de la frontière et d'ailleurs chez les jeunes dakarois", *Jeunes et sociétés*, Actes du colloque, 24-25 octobre 2005, Marseille, CEREQ, INEP, Lest/CNRS, 13 p., online em:
<http://jeunes-et-societes.cereq.fr/PDF-RJS2/FOUQUET.pdf>
- Guignard, Thomas (2004), "Les accès publics à Internet au Sénégal: une émergence paradoxale" in Chéneau-Loquay, Annie (dir.), "Technologies de la communication et mondialisation en Afrique", Paris, Karthala MSHA, 2004, online em:
<http://www.africanti.org/IMG/colloque/colloque2003/Communications/GUIGNARD32.pdf>
- (2007), "Le Sénégal, les sénégalais et Internet: médias et identité", thèse en Sciences de l'Information et de la Communication soutenue à l'Université Charles de Gaulle Lille 3 le 26 octobre 2007. Online em:
<http://www.africanti.org/IMG/memoires/theseGuignard.pdf>

- Latour, Eliane de (2003), "Héros du Retour" in *Critique Internationale*, nº19, pp.171-189, online em http://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=CR11_019_0171
- Lipovetsky, Gilles, (2007), "A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo", tradução de Patrícia Xavier, Edições 70, Lisboa,
- Lipovetsky, Gilles e Serroy, Jean (2010), "O Ecrã Global", tradução de Luís Filipe Sarmiento, Edições 70, Lisboa
- (2010a), "A Cultura-Mundo", tradução de Vítor Silva, Edições 70, Lisboa
- Mudimbe, V. Y. (1988), "The Invention of Africa: gnosis, philosophy, and the order of knowledge", Indiana University Press
- Nyamnjoh, Francis B. (2004), "Globalisation, Boundaries and Livelihoods" in "Identity, Culture and Politics", vol 5 (1&2),
- (2005), "Fishing in Troubled Waters: *Disquettes* and *Thiofs* in Dakar" in *Africa*, Vol. 75, pp. 295-324, August 2005, Edimburgh University Press
- Portes, Alejandro (2004), "Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo migrante", in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº69, pp. 73-93 online em <http://www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=864>
- Riccio, Bruno (2005), "Talkin' about Migration: some ethnographic notes on the ambivalent representation of migrants in contemporary Senegal" in *Stichproben Wiener Zeitschrift für Kritische Afrikastudien* Nr.8
- (2003) & Grillo, Ralph "Translocal Development: Italy-Senegal", paper presented in "International Workshop on Migration and Poverty in West Africa", 2003, University of Sussex (Sussex Centre for Migration Research)
- Rwanda, Republic of (2000), Ministry of Finance and Economic Planning, "Rwanda Vision 2020", Kigali, online em: http://www.gesci.org/assets/files/Rwanda_Vision_2020.pdf
- Said, Edward (2007), "Orientalismo", tradução Pedro Serra, Edições Cotovia
- Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Maria Paula (orgs) (2009), "Epistemologias do Sul", Almedina, Coimbra
- Sloterdijk, Peter (2008), "Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização", Relógio d'Água, Lisboa
- (2009), "Colère et Temps: essai polico-psychologique", traduzido por Olivier Mannoni, Hachette Littératures, coleção Pluriel
- Schmitz, Jean & Botte, Roger & Boutrais, Jean (2001), "Figures Peules", Éditions Karthala
- Tall, Serigne Mansour (2004), "Senegalese émigrés: New information & Communication technologies", *Review of African Political Economy*, vol.31, Nº99, pp31-48
- Uimonen, Paula (2003), "Networks of Global Interaction" in *Cambridge Review of International Affairs*, Vol.16, Number 2, July 2003, Carfax Publishing, online em <http://www.soc.iastate.edu/Soc640a/Readings/Uimonen.pdf>
- Virilio, Paul (2000), "Cibermundo: a política do pior", tradução de Francisco Marques, Editorial Teorema, Lisboa
- Zenobia, Ismail (2009), "Citizens of the World? Africans, Media and Telecommunication", in *Afrobarometer Briefing Paper*, nº69, May 2009, online em: http://www.afrobarometer.org/papers/AfroBriefNo69_22may09_final.pdf
- Zizek, Slavoj (2006), "A Subjectividade por vir: ensaios críticos sobre a Voz Obscena", tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Relógio d'Água Editores, coleção Argumentos, Lisboa
- (2009), "First as Tragedy than as Farce", Verso, London & New York